

RESENHA DE LIVRO SOBRE PARA UM PENSAMENTO DO SUL

ALMEIDA, Maria da Conceição de (Coord.); MORAES, Maria Cândida (Relatora do grupo 02). A reforma da educação. **Anais do Encontro Internacional para um Pensamento do Sul**. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Sesc, 2011. p. 50-71, 304 p.

Para propor um pensamento do Sul, o sociólogo e filósofo francês Edgar Morin identificou a hegemonia dos países do Norte – Estados Unidos e países da Europa –, onde a técnica, a economia, o cálculo, a racionalização e a eficiência norteiam o pensar e o agir da parte ocidental do planeta. Essa visão hegemônica do mundo, imediatamente, exclui a América Latina em suas características históricas e culturais, mais genuínas, responsáveis por sua identidade – afetividade, imaginação, espiritualidade e solidariedade. Trata-se, portanto, de outra ordem distinta da racionalidade técnica.

Com essa temática, foi realizado um colóquio no Departamento Nacional do SESC, no primeiro semestre de 2011, com a presença de expressivo número de pensadores da América do Sul (42 convidados de 11 países). Sob a coordenação acadêmica de Marta de Azevedo Irving, esse colóquio foi organizado a partir de três temas: Pensamento econômico, questões sociais e pobreza; A reforma da educação; e Unidade humana e diversidade cultural.

A reforma da educação é o objeto desta síntese, tendo sido pautada, no encontro, por duas preocupações:

- de converter em proposta concreta de ações e intervenções nos diversos âmbitos educacionais;
- de definir estratégias que levem o pensamento do Sul à educação formal, não formal e informal.

Esse pensamento do Sul, metaforicamente chamado de pensamento *andino*, recebeu como princípio a busca do *bem-viver*. BEM-VIVER: COSMOVISÃO BASEADA NA PRESERVAÇÃO DA DIGNIDADE HUMANA E NA SUSTENTABILIDADE DO PLANETA. Bem-viver tem como essência a busca da integração entre a sabedoria de vida e a sabedoria universal. Tem também como inerente a essa cosmovisão o resgate do que é minoritário ou excluído: uma *regeneração* da civilização latino-americana na sua diversidade e complexidade contemplando, dessa forma, as culturas indígenas originárias, as práticas ritualísticas, a relação com a natureza traduzida em sua culinária e ervas medicinais, seus saberes e valores ancestrais ainda preservados em pequenas comunidades, além de sua história, arquitetura e religião com tantos registros de monumentos e ruínas, recentemente transformados em atrativos turísticos.

A questão-base é como transformar essa visão complexa da condição humana, geograficamente colocada como uma política pública educacional, de modo a chegar aos estudantes, às escolas, às universidades e à sociedade civil. Em última forma: como uma nova política de civilização.

Em uma metodologia analítica, procurou-se identificar a *resistência às mudanças* do pensamento hegemônico em vigor. Essa resistência se manifesta contra a diversidade de linguagens, contra

a concepção de complexidade humana (individual, social e planetária), contra o conflito, contra o planejamento flexível, conseqüentemente, contra uma educação integrada e simultânea à mudança de pensamento.

Para alcançar a reforma da educação, os pensadores participantes do encontro consideraram quatro eixos: *ontológico, epistemológico, antropológico e ético político*.

Do ponto de vista *epistemológico*, a ideia é olhar de diferentes ângulos o conhecimento produzido, a produção material decorrente desse conhecimento e os pontos cegos existentes nesse conhecimento. Pontos cegos ou cegueira do conhecimento. Morin chama de cegueira a incapacidade do conhecimento de se ver como parcial e temporal.

Na dimensão *ontológica*, o educador e as políticas educacionais deveriam (precisam) problematizar o real – a sociedade, as atividades produtivas, as relações sociais –, considerando as especificidades culturais e a diversidade humana própria da América Latina geradora de uma racionalidade própria que permite a intervenção da imaginação; que tem uma temporalidade particular; e que integra pensamento e sentimento em experiências vividas.

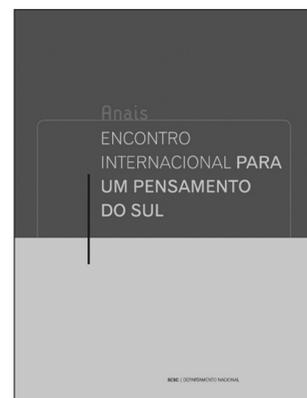
O aspecto *antropológico* tem como foco aprender a problematizar a vida, isso significando reconhecer a unidade na diversidade, incorporar a incerteza como possibilidade permanente da existência e entender a complexidade dos processos de ensino-aprendizagem. Esse aspecto também pode ser dito como religar os diferentes saberes, dialogar com outras culturas e desenvolver o pensamento complexo, crítico e descolonizador.

As questões *ético-políticas* referem-se às políticas públicas, aos modelos de gestão implementados nas escolas, às inovações decorrentes das tecnologias digitais, aos investimentos materiais e imateriais para incentivar o professor, viabilizando uma educação libertadora que promova a cidadania e o bem-viver.

São, por conseguinte, fundamentos identificados para montar uma política da civilização do pensamento andino. Os pensadores listaram aspectos vitais para viabilizar a política e o pensamento do Sul:

- a concepção dialógica do uno e do múltiplo;
- a ética da compreensão;
- a flexibilidade e a autocrítica;
- a solidariedade e a responsabilidade.

A *escola* para a vida será um *laboratório* de educação democrática. A pergunta que se apresenta é: o que vale a pena ser conhecido e apreendido? As competências, que devem ser desenvolvidas pelos alunos, serão: as de dialogar; de conseguir consenso; de resolver conflitos; de desenvolver empatia e colocar-se no lugar do outro; de aceitar as diferenças nas



aprendizagens e nas aptidões individuais; e de reconhecer a importância das tradições.

As questões propostas para pensar a educação andina são:

- **Pensar: o que é *ser humano*?** É um ser ao mesmo tempo individual, social e natural. Só existe nessas dimensões, integrado consigo, com a sociedade e com a natureza.
- **O que é a realidade?** É algo construído ou representado? Essa resposta depende da concepção de ser humano anteriormente apresentada.
- **Qual é o significado da vida?** Essa questão deve orientar o respeito e a prioridade da vida da forma mais abrangente possível, implicando a vida animal e a vida no planeta de forma geral.

Alguns conceitos originais foram incorporados para pensar a educação.

Uma consideração transformadora é a percepção da *desordem* como algo criativo e inovador. Esses formatos são mais abrangentes para significar a vida como uma obra que se constrói, se auto-organiza a partir de sua própria natureza e independente dos planejamentos e visões preestabelecidas do real.

A questão da *espiritualidade* e da consciência da espiritualidade como uma dimensão da existência não pode mais ser apenas desconsiderada. A educação do Sul precisa da consciência da espiritualidade andina para atrair o educando e não alienar uma dimensão estruturante de sua história, cultura e vida.

Vale ainda salientar no texto o destaque dado à prática do *silêncio* como dimensão importante, como parte do diálogo com o outro e como momento de elaboração interna. O silêncio é apresentado como período de latência, quando a consciência se dobra sobre si mesma e apreende ângulos de realidade ainda não contemplada. No silêncio, o indivíduo pode rever suas ilusões e certezas.

Como não poderia deixar de ser, o *diálogo* é o pano de fundo do cenário educativo. O diálogo permite a construção de compreensões coletivas, acordadas, participativas, criativas e emocionalmente estimulantes, pois estas permitem a expressão das subjetividades e têm um produto final como expressão dos interesses individuais.

Experiências *corporais* que sintonizem os alunos e educadores para formas de educar como a arte, o esporte, os trabalhos manuais e as atividades lúdicas, que são educativas por excelência e permitem fazer uma ponte para a dimensão afetiva, para o poder do coração e a capacidade amorosa para curar as relações, curar os padrões de conduta destrutivos. Educar a sensibilidade, o ver, o ouvir, o sentir, o intuir como dimensões cognitivas e emocionais. Perceber-se dentro de um processo de construção de conhecimento com um diálogo mais vigoroso quando se aliam emoção e razão.

E, como fechamento, a *transdisciplinaridade* aparece como metodologia para favorecer uma educação andina. O mérito da metodologia é ter como pressuposto a inclusão de todos os aspectos que formam o ser humano e, conseqüentemente, os conhecimentos decorrentes da pluralidade de olhares, de linguagens e de compreensões.

As recomendações decorrentes do debate entre os pensadores indicam dois modelos de procedimentos. Primeiramente, criar uma comunidade de pesquisa-formação-inovação que dê conta da visão complexa e integradora presente no pensamento do Sul por meio de uma rede de cooperação interinstitucional que compartilhe os objetos de pesquisa, a formação de formadores e a divulgação de outras experiências e experimentos bem-sucedidos.

A segunda recomendação foi chamada de “*crisálida do pensamento complexo*”. Refere-se à rede de incubadoras de ideias, nutridoras e de contribuição para as diversas culturas e escolas onde se discute a diversidade de saberes e modos de viver. Essas crisálidas facilitariam a emergência do pensamento do Sul em que estão juntos os saberes científicos e os saberes da tradição. Espaços de regeneração e metamorfose para conhecimentos mais flexíveis, dinâmicos e livres; “lugares de respiração das instituições, reservatórios de criatividade, incubadoras de ideias, maquetes de uma sociedade-mundo mais diversa, mestiça e plural”.

Nely Wyse Abaurre

Mestre em Filosofia Política pela UFRJ. Professora do MBA em Turismo da FGV-RJ. Assessora técnica da Coordenadoria Pedagógica do Eixo Tecnológico de Hospitalidade e Lazer do Senac – Departamento Nacional.

E-mail: nelywyse@senac.br